

O CAMINHO DO CONTATO: CONTRIBUIÇÕES DA GESTALT-TERAPIA INFANTIL NO ACOMPANHAMENTO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Thais Rita Bitencourt Felipe¹;

¹Centro Universitário Anhanguera (UNIAN), São Paulo, SP.

<https://lattes.cnpq.br/8750354705068921>

Bruno Leonel Mendes de Abreu².

²Centro Universitário Anhanguera (UNIAN) São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/6432206692028767>

RESUMO: O capítulo apresenta um estudo de caso sobre o acompanhamento psicológico de uma criança de cinco anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em contexto de clínica-escola, fundamentado na perspectiva fenomenológica e na Gestalt-terapia infantil. O objetivo foi refletir sobre as contribuições do brincar para a construção do vínculo terapêutico e para a ampliação das possibilidades de contato da criança consigo mesma, com o outro e com o ambiente. A análise dos registros clínicos evidenciou que comportamentos inicialmente compreendidos como dificuldades, tais como a intensa movimentação e a exploração constante dos espaços, puderam ser compreendidos como formas singulares de ajustamento criativo e construção de familiaridade com o ambiente. Os resultados indicaram que o brincar constituiu um importante mediador da relação terapêutica, favorecendo experiências de confiança, compartilhamento e suporte para o contato. Ao longo do processo, observou-se ampliação gradual das interações compartilhadas, maior permanência nas atividades e fortalecimento do vínculo com a terapeuta. Conclui-se que a Gestalt-terapia infantil oferece contribuições relevantes para a compreensão do TEA ao valorizar a singularidade da experiência infantil e os processos relacionais envolvidos na construção do contato.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Gestalt-terapia. Brincar.

THE PATH TO CONTACT: CONTRIBUTIONS OF GESTALT CHILD THERAPY IN THE PSYCHOLOGICAL CARE OF A CHILD WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT: This chapter discusses the contributions of Gestalt child therapy to the psychological follow-up of a five-year-old child diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD), emphasizing the role of play in the development of the therapeutic bond and the expansion of contact possibilities. This is a qualitative case study grounded in phenomenological and Gestalt-based perspectives, conducted within a university training clinic setting. Analysis of clinical records revealed that behaviors initially understood as difficulties, such as intense movement and constant environmental exploration, could be

reframed as unique forms of creative adjustment and contact construction. Throughout the therapeutic process, an increase in shared interactions, longer engagement in activities, and a strengthening of the therapeutic relationship were observed. The findings suggest that play functioned as an important pathway for expression, communication, and encounter, fostering meaningful experiences of connection with oneself, others, and the environment.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder. Gestalt-Therapy. Therapeutic Play.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças persistentes na comunicação e interação social, associadas à presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014). Embora os critérios diagnósticos sejam fundamentais para a identificação do transtorno e para o planejamento de intervenções, a experiência clínica frequentemente evidencia a necessidade de compreender cada criança para além das categorias diagnósticas, considerando seus modos singulares de estabelecer relações consigo mesma, com o outro e com o ambiente.

Sob a perspectiva da Gestalt-terapia, o foco clínico desloca-se da busca exclusiva por déficits ou limitações para a compreensão dos processos de contato e das formas pelas quais o sujeito organiza sua experiência no campo organismo-ambiente (Brandão, 2017). Nessa abordagem, a criança é compreendida como participante ativa de seu processo de desenvolvimento, sendo suas ações, escolhas e formas de interação consideradas expressões de modos particulares de existir e relacionar-se com o mundo.

No contexto da clínica infantil, o brincar ocupa lugar privilegiado nesse processo. Mais do que uma atividade recreativa ou um recurso técnico, constitui uma linguagem por meio da qual a criança expressa experiências, comunica necessidades, experimenta possibilidades relacionais e constrói significados acerca de si mesma e do ambiente (Oaklander, 1980; 2022). A partir de uma perspectiva fenomenológica, o interesse do terapeuta não se concentra na interpretação de conteúdos ocultos, mas na compreensão da experiência vivida que emerge no encontro terapêutico (Furley e Pinel, 2020).

Foi a partir desse referencial que se desenvolveu o acompanhamento psicológico de Joaquim, nome fictício adotado para preservar sua identidade. Aos cinco anos de idade, a criança já possuía diagnóstico de TEA e apresentava dificuldades comunicacionais, intensa necessidade de movimento, reduzida permanência em atividades estruturadas e desafios nas interações sociais, conforme relato materno. Entretanto, desde os primeiros encontros clínicos, observou-se que a compreensão de sua experiência exigia um olhar que ultrapassasse as descrições diagnósticas, voltando-se para os sentidos presentes em suas formas de exploração, brincadeira e relação com o ambiente.

Nesse percurso, o brincar revelou-se um importante mediador da relação terapêutica. Por meio de suas escolhas, movimentos, interesses e experiências lúdicas compartilhadas, Joaquim passou a construir formas progressivamente mais amplas de contato e participação

no contexto terapêutico. Tais experiências suscitaram reflexões acerca das contribuições da Gestalt-terapia infantil para a compreensão do TEA e para a construção do vínculo terapêutico.

Dessa forma, este capítulo apresenta um estudo de caso desenvolvido em contexto de clínica-escola, buscando refletir sobre as contribuições da Gestalt-terapia infantil no acompanhamento de uma criança com TEA, com ênfase no papel do brincar na construção do vínculo terapêutico e na ampliação das possibilidades de contato. Fundamentado nas contribuições de Oaklander (1980; 2022), Brandão (2017) e Poppa (2018), o texto propõe uma reflexão sobre o brincar como fenômeno clínico e como via privilegiada para o estabelecimento de relações significativas na infância.

OBJETIVO

Analisar, a partir de um estudo de caso desenvolvido em contexto de clínica-escola, as contribuições da Gestalt-terapia infantil para a compreensão dos processos de contato e construção do vínculo terapêutico em uma criança com TEA, enfatizando o brincar como mediador das experiências relacionais.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, por buscar compreender os significados atribuídos às experiências vividas no contexto clínico e os fenômenos emergentes da relação terapêutica. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, uma vez que visa produzir conhecimentos relacionados à prática psicológica e às intervenções em contexto clínico. Em relação aos objetivos, configura-se como uma pesquisa descritiva e exploratória, pois descreve um processo clínico singular e busca ampliar a compreensão acerca das contribuições da Gestalt-terapia infantil no acompanhamento de crianças com TEA.

Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo foi desenvolvido por meio de um estudo de caso, estratégia que possibilita a investigação aprofundada de um fenômeno contemporâneo em seu contexto real. A pesquisa foi realizada em uma clínica-escola vinculada a uma instituição de ensino superior localizada na cidade de São Paulo, durante o primeiro semestre de 2026.

Participou do estudo uma criança de cinco anos de idade, diagnosticada com TEA nível de suporte II, identificada neste trabalho por nome fictício, a fim de preservar sua identidade e confidencialidade. O acompanhamento compreendeu sete encontros, sendo duas entrevistas iniciais de anamnese com a responsável legal e cinco atendimentos psicológicos individuais realizados com a criança.

A produção dos dados ocorreu por meio dos registros clínicos elaborados após cada sessão, das informações obtidas nas entrevistas de anamnese e das discussões realizadas em supervisão clínica. A análise dos dados foi conduzida à luz da perspectiva fenomenológica e dos referenciais da Gestalt-terapia infantil, especialmente das contribuições teóricas

relacionadas aos conceitos de contato, vínculo terapêutico, ajustamento criativo e brincar.

No que se refere aos aspectos éticos, foram adotados os princípios estabelecidos pela Resolução CFP nº 010/2005 e pela Resolução CNS nº 510/2016, assegurando-se o sigilo das informações, a utilização de nome fictício e a preservação da identidade da criança e de seus familiares. O relato foi elaborado exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, respeitando os princípios éticos da pesquisa e da prática profissional em Psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão dos movimentos apresentados por Joaquim foi sustentada pelos conceitos gestálticos de contato, self e ajustamento criativo, discutidos anteriormente. Sob essa perspectiva, comportamentos inicialmente interpretados como dificuldades de permanência, dispersão ou resistência passaram a ser compreendidos como formas singulares de organização da experiência e de relação com o ambiente (BRANDÃO, 2017; PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Essa mudança de olhar possibilitou reconhecer recursos relacionais presentes em sua trajetória e orientou uma postura clínica menos diretiva e mais atenta aos sentidos que emergiam da experiência vivida.

Ao revisitar os registros dos atendimentos, tornou-se evidente que grande parte do processo terapêutico aconteceu por meio do brincar. Embora a comunicação verbal estivesse presente em alguns momentos, foi principalmente através das brincadeiras, dos movimentos e das escolhas realizadas durante as sessões que Joaquim expressou interesses, estabeleceu relações e construiu formas de aproximação com o ambiente.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Oaklander (2022), para quem o brincar constitui uma das principais linguagens da infância. Por meio das brincadeiras, dos desenhos, dos jogos e das experiências corporais, a criança expressa aspectos de sua vivência que frequentemente antecedem ou extrapolam a linguagem verbal. Assim, mais do que um recurso técnico, o brincar configura-se como um espaço privilegiado para a construção do contato e do vínculo terapêutico.

A compreensão desse processo também pode ser ampliada pelas contribuições de Poppa (2018), ao discutir o conceito de suporte para o contato na clínica gestáltica infantil. A autora destaca que muitas crianças ainda não dispõem de recursos internos suficientemente consolidados para sustentar determinadas experiências emocionais e relacionais, necessitando inicialmente de experiências de heterossuporte oferecidas pelo ambiente e pela relação terapêutica. Nessa perspectiva, o terapeuta não atua apenas como facilitador da awareness, mas como alguém que oferece condições para a construção gradual do autossuporte. No caso de Joaquim, a disponibilidade da terapeuta para acompanhar seus deslocamentos, respeitar seu ritmo de exploração e participar de suas brincadeiras pode ser compreendida como uma forma de suporte para o contato, favorecendo a construção de experiências relacionais progressivamente mais compartilhadas.

Nos primeiros encontros, Joaquim demonstrava pouco interesse em permanecer

por longos períodos em uma mesma atividade. Frequentemente transitava entre diferentes espaços da clínica, explorava objetos variados e alternava rapidamente seus focos de atenção. À luz das contribuições de Poppa (2018), tais movimentos podem ser compreendidos como expressões de uma criança que ainda necessitava de experiências consistentes de suporte para o contato. A autora destaca que muitas crianças não dispõem, inicialmente, de recursos internos suficientemente consolidados para sustentar determinadas experiências emocionais e relacionais, demandando experiências de heterossuporte oferecidas pelo ambiente e pela relação terapêutica.

Nesse contexto, a disponibilidade da terapeuta para acompanhar os deslocamentos de Joaquim, respeitar seu ritmo de exploração e participar de suas brincadeiras constituiu uma importante condição para a construção gradual de segurança e confiança na relação. À medida que o vínculo terapêutico se fortalecia, tornou-se possível observar não apenas maior permanência nas atividades, mas também formas progressivamente mais compartilhadas de interação com o ambiente e com a terapeuta.

Oaklander (2022) destaca que a atenção do terapeuta não deve se concentrar exclusivamente no conteúdo das brincadeiras, mas também na maneira como a criança brinca, ocupa os espaços e estabelece relações durante o processo terapêutico. No caso de Joaquim, mais importante do que interpretar simbolicamente os brinquedos escolhidos foi acompanhar como eles se transformavam em mediadores da relação.

A casinha, as bonecas, os brinquedos sonoros, os instrumentos musicais, o urso de montar e, posteriormente, o jogo de xadrez passaram a ocupar lugares significativos nos encontros. Através dessas experiências, Joaquim permanecia mais tempo nas atividades, compartilhava experiências e permitia a aproximação da terapeuta. O brincar deixava de ocorrer apenas na presença do outro para tornar-se uma experiência progressivamente compartilhada.

Tal compreensão aproxima-se da perspectiva fenomenológica proposta por Furley e Pinel (2020), segundo a qual o brincar não deve ser reduzido a um instrumento de avaliação ou interpretação. Trata-se de uma experiência relacional que possibilita novas formas de contato e participação no mundo. Nessa perspectiva, o terapeuta não ocupa a posição de quem decifra significados ocultos, mas de quem acompanha e participa da experiência construída pela criança.

Ao longo do processo, observou-se que as experiências lúdicas se tornavam gradualmente mais compartilhadas. Joaquim passou a incluir a terapeuta em suas brincadeiras, aceitar convites para atividades conjuntas e permanecer por períodos mais prolongados em experiências construídas em conjunto. Pequenos acontecimentos, como oferecer um brinquedo, aceitar a presença da terapeuta durante uma atividade ou compartilhar percursos pelos corredores da clínica, passaram a representar importantes indicadores da ampliação de suas possibilidades de contato.

Nesse contexto, o brincar revelou-se não apenas um recurso terapêutico, mas o próprio caminho através do qual Joaquim pôde experimentar novas formas de relação

consigo mesmo, com o outro e com o ambiente. Foi a partir dessas experiências que o vínculo terapêutico se fortaleceu, criando condições para as transformações observadas ao longo do acompanhamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo teve como objetivo refletir sobre as contribuições da Gestalt-terapia infantil no acompanhamento de uma criança com Transtorno do Espectro Autista, enfatizando o papel do brincar na construção do vínculo terapêutico e na ampliação das possibilidades de contato. A experiência clínica relatada evidenciou que a compreensão da criança para além das categorias diagnósticas favorece o reconhecimento de seus recursos, potencialidades e modos singulares de relação com o ambiente.

Os achados apontam que o brincar constituiu um importante mediador do processo terapêutico, possibilitando a expressão da experiência infantil, a construção de confiança e o fortalecimento do vínculo entre criança e terapeuta. Ao longo do acompanhamento, observou-se uma ampliação gradual das experiências compartilhadas, expressa pela maior permanência nas atividades, pelo aumento das iniciativas de interação e pela inclusão progressiva da terapeuta no campo relacional da criança.

A perspectiva gestáltica mostrou-se particularmente relevante ao possibilitar a compreensão de comportamentos frequentemente interpretados como déficits ou dificuldades a partir de sua função na organização da experiência e na construção do contato. Nesse sentido, o caso de Joaquim reforça a importância de práticas clínicas que privilegiem a singularidade da criança, o respeito ao seu ritmo de desenvolvimento e a valorização das formas pelas quais ela constrói sentido em sua relação com o mundo.

Conclui-se que o brincar, o vínculo terapêutico e a presença dialógica do terapeuta configuram importantes recursos para a ampliação das possibilidades de contato de crianças com TEA. Mais do que buscar a adequação a padrões normativos de comportamento, a clínica gestáltica convida ao reconhecimento da singularidade da experiência infantil, favorecendo a construção de relações mais autênticas e significativas.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BRANDÃO, Cíntia Lavratti. **Transtorno do Espectro Autista: um mundo visto através do caleidoscópio**. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2017.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). Resolução CFP nº 010, de 21 de julho de 2005. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF: Conselho Federal de

Psicologia, 2005.

FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran. **Por uma fenomenologia do brincar**. Curitiba: Appris, 2020.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.

OAKLANDER, Violet. **O tesouro escondido: a vida interior de crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 2022.

PERLS, Frederick S.; HEFFERLINE, Ralph F.; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

POPPA, Carla Cristina. **O suporte para o contato: Gestalt e infância**. São Paulo: Summus, 2018.